



A LEITURA NA PERSPECTIVA DO TRABALHO DOCENTE

READING FROM THE PERSPECTIVE OF TEACHING WORK

Ricardo Ferreira de Sousa
ricardof@uft.edu.br

Resumo

Entende-se que a leitura é um dos principais caminhos para que o sujeito adquira conhecimento, ela permite ampliar seu conhecimento de mundo e vivenciar diferentes formas de interação social. Desse modo, busca-se nessa pesquisa, apresentar uma revisão de literatura, com embasamento bibliográfico apoiado nos estudos investigativos de autores como FREIRE (1996), GERALDI (2006) e MENEGASSI e ANGELO (2010), de modo que apontamos as teorias da linguagem sobre o qual recai o ensino de leitura em sala de aula, bem como das concepções que envolvem esse processo. O intuito dessa investigação é propiciar uma discussão em relação ao processo e desenvolvimento da leitura na formação crítica do indivíduo, voltando especificamente para as práticas de leitura que circulam na esfera escolar. Para o desenvolvimento da pesquisa, bem como, atingir ao objetivo proposto, a análise dos dados será mediada à luz da Linguística Aplicada na Educação, observando os conflitos existentes entre a leitura que produzem e a que é esperada pela escola.

Palavras-chave: Ensino; Leitura; Interação; Escola.

Abstract

It is understood that reading is one of the main ways for the subject to acquire knowledge, it allows them to expand their knowledge of the world and experience different forms of social interaction. Thus, this research seeks to present a literature review, with a bibliographic basis supported by the investigative studies of FREIRE (1996), GERALDI (2006) and MENEGASSI and ANGELO (2010), so that we point out the theories of language about the which is the teaching of reading in the classroom, as well as the conceptions that involve this process. The purpose of this investigation is to promote a discussion in relation to the process and development of reading in the individual's critical education, returning specifically to the reading practices that circulate in the school sphere. For the development of the research, as well as to reach the proposed objective, the data analysis will be mediated in the light of Applied Linguistics in Education, observing the existing conflicts between the reading they produce and that expected by the school.

Keywords: Teaching; Reading; Interaction; School.

Introdução

O ato de educar procura assegurar e fortalecer a formação e o desenvolvimento intelectual do ser humano, envolvendo a consciência de um conhecimento e de uma ação tendo o professor no centro da mediação, tido como o grande responsável pela promoção de saberes e fortalecendo as relações sociais por meio das práticas de ensino. Com isso, nas últimas décadas, algumas pesquisas têm demonstrando certa preocupação com relação ao processo de leitura no contexto escolar.

A partir disso, nesta pesquisa, ao analisarmos a leitura na ação docente em sala de aula, propomos refletir acerca da construção de sentidos que circulam na esfera escolar, pois quando são criados mecanismos de interação verbal entre os interlocutores, pressupõe-se a troca de experiências e conhecimentos partilhados por meio do diálogo entre os sujeitos leitores.

O artigo em curso é resultado de uma revisão bibliográfica, apoiada nos pressupostos de autores como Paulo Freire (1996), João Wanderley Geraldi (2006) e Menegassi e Angelo (2010). O objeto e o recorte dessa pesquisa deram-se a partir do interesse do pesquisador em abordar o tema pesquisado para maior relevância social, pois a leitura é comumente um processo de interação em que os sujeitos envolvidos na ação se conectam e dialogam entre si, gerando efeitos de sentidos diversos na sociedade. Para o enfoque desse estudo, apoiamos na concepção interacionista da linguagem, visando dados qualitativos com base no processo de investigação e no seu produto final.

Diante do objetivo da pesquisa, Freire (1996, p. 43) entende que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática”, com isso, cabe ao professor tornar uma aula de leitura interessante e atrativa.

A aula é um evento que constrói significados, aquilo que o aluno leva consigo para a vida advém do método que define o evento, não somente em sua ordenação, mas principalmente enquanto realização potencial para conhecê-lo.

A leitura é assim por dizer um dos principais caminhos para que o sujeito adquira conhecimentos, pois além de ampliar seu conhecimento de mundo, os capacita para as diferentes formas de interação na sociedade contemporânea.

O professor, o aluno e a leitura: algumas ponderações

Entende-se que a leitura é essencial para formação de indivíduos críticos, competentes e autônomos, uma vez que ela permite apresentar o desconhecido, desnudar-se e entrar no mundo e, principalmente, manter as relações dialógicas cotidianas entre os sujeitos de forma pacificadora e humanizada.

A leitura humaniza e prepara o indivíduo para mundo. Dito isso, um leitor proficiente finca seu aprendizado a partir do ensino interativo, prezando as relações interpessoais, dadas no contexto, nas trocas de experiências e no trabalho realizado do texto-leitor, surgindo excelentes escritores e leitores.

Dito isso, sabe-se que na educação básica, por diversos motivos, a leitura não é empregada na quantidade e forma adequada de maneira que prepare o indivíduo para sua possível prática social. O ensino apresenta suas falhas que são mais percebidas quando chega o momento de mostrar uma competência e/ou habilidade que, infelizmente, não foi desenvolvida no tempo adequado.

Muitos estudos são realizados a fim de tratar da prática da leitura em sala de aula. Menegassi e Angelo (2010), parte do pensamento de que a leitura pode ser abordada em sala de aula com base em três concepções, a saber: perspectiva do texto, perspectiva do leitor e perspectiva do leitor-texto.

Na perspectiva do texto, segundo Menegassi e Angelo, a leitura é entendida como uma habilidade ascendente na qual as ideias estão centradas somente no texto.

Nesse aspecto o leitor é passivo, ele só recebe as informações, e o texto é ativo, pois é nele que contém o conhecimento.

Os métodos mais trabalhados em sala de aula que foca nessa perspectiva são: leitura em voz alta, foco na mensagem e perguntas facilmente identificadas no texto.

Na perspectiva do leitor, a leitura é concebida como um ato descendente, por sua vez, as ideias estão centradas somente no leitor.

O leitor é ativo, pois é ele quem contém o conhecimento e quem atribui significado ao texto. Aqui o texto é passivo, ele só recebe as informações.

Na perspectiva do leitor-texto, por outro lado, a leitura é entendida como um processo de interação entre o texto e leitor, pois o texto e o leitor são valorizados.

O leitor possui 50% de interação, pois ele vai ser ativo e passivo, vai passar o seu conhecimento de mundo e ao mesmo tempo vai somar com o conhecimento do texto, e o texto apresenta 50% de interação, pois ele vai ser ativo e passivo, vai passar o conhecimento do escritor para que some com o conhecimento do leitor.

As teorias que compreendem a leitura como uma forma de interação dialogam diretamente com os pressupostos dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), pois as escolas precisam valorizar as relações interativas entre leitores e textos, de modo que esse método de ensino seja de qualidade e incentive os alunos a lerem e que trabalhem com a diversidade textual.

Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. (BRASIL, 1998, p. 42).

Nesse sentido, podemos compreender que o trabalho com a leitura é um processo que deve ser realizado pelo aluno paralelo com a escola, leitura por prazer e não por mero fazer.

Fuza e Ohuschi (2014) relacionam cada concepção de leitura a uma concepção de linguagem, são elas: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como interação.

Quando o professor concebe a linguagem como expressão do pensamento, a leitura é abordada como um produto, assim, o leitor não questiona o texto e exerce um papel passivo diante dele, apenas recebendo informações.

Para eles o conhecimento da teoria gramatical é a garantia para se alcançar o domínio das linguagens (oral e escrita), a leitura seria uma forma para exteriorizar o pensamento.

Quando a metodologia de trabalho recai na linguagem como instrumento de comunicação, a leitura é entendida como um processo de decodificação que seria passar do código escrito para o código oral.

Dessa maneira, acredita-se que através da decodificação de letra por letra, palavra por palavra, o leitor chega, sem problemas, ao conteúdo do texto lido, tendo sempre uma comunicação entre um emissor e um receptor.

Quando o foco está na linguagem como interação, a leitura é vista como interação, um ato dialógico entre interlocutores, sendo que a leitura acontece no desencadear-se do processo criativo em que sujeito e linguagem interagem permanentemente, uma vez que o texto nunca está acabado, dependerá tanto do conhecimento do leitor quanto do texto.

Com isso, sugere-se que o professor defina os objetivos de leitura do texto, que orientem a maneira como o aluno-leitor se posiciona diante dele, auxiliando na compreensão da leitura, de modo

que a mediação deve ser construída com base no diálogo coletivo, entre professor e aluno (SOLÉ, 1998).

Silva (2003) critica a leitura de textos no ambiente escolar, sendo que para a autora nestes espaços o que mais se tem é a realização de forma mecânica, rápida, sem reflexões, apenas como alvo de cumprir dever, não levando o sujeito a consciência de mundo, de si próprio e do contexto histórico-social. A autora afirma ainda que

[...] é na troca de experiências que ocorre a interação entre textos e leitores e o livro didático é apenas um suporte para o professor, quando este é usado como única fonte do conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada de textos, deixando o aluno aquém da obra original e de outras fontes relevantes para o conhecimento do sujeito (SILVA, 2003, p. 23).

Diante dessa realidade, boas práticas de leitura são primordiais em sala de aula, visando à construção de alunos assíduos, críticos e reflexivos no exercício de sua cidadania.

Para isso, o plano de ensino é elemento primordial para a forma contínua de metas e objetivos a serem alcançadas.

O trabalho com um gênero em sala de aula, por exemplo, é o resultado de uma decisão didática que visa proporcionar ao aluno conhecê-lo melhor, apreciá-lo ou compreendê-lo para que ele se torne capaz de produzir na escola ou fora dela.

Entendemos que para cada série exige-se um nível de ensino e nesse contexto é necessário que o aluno tenha contato com as dimensões sociais e verbais de cada atividade proposta pelo professor.

A concepção de linguagem adotada aqui é a interativa. Ela vê o sujeito como um ser ativo, possibilitando o diálogo entre o texto, o professor e o aluno. Cabe ao professor dar condições aos seus alunos para que expressem suas próprias experiências, isto significa colocá-los a par de outras possibilidades de transmitir suas mensagens.

Zanini (1999, p. 84) comenta que “isso não significa banir a gramática, ou seja, o conhecimento das normas que regem a língua materna. Significa oportunizar-lhes a aproximação com a modalidade padrão culta”.

Conceber a linguagem como forma de interação implica, conseqüentemente, numa mudança de postura por parte do professor em relação ao trabalho com a produção e leitura de texto. Implica, ainda, reconhecer as novas características da produção textual sob essa perspectiva que tanto distingue produção de texto de redação, essa última, concebida ainda nos moldes tradicionais de ensino.

Para Solé (1998, p. 116), a maior parte da compreensão de leitura acontece durante a própria leitura que se configura como “um processo de emissão e verificação de previsões que levam a construção de compreensão”.

É através da leitura que o indivíduo amplia o seu horizonte linguístico, social e cognitivo. Na verdade, não há limites para o que a leitura pode proporcionar.

É possível afirmar que a leitura contribui para a formação completa do indivíduo, para a construção de sua identidade e para que tenha um papel mais ativo na sociedade.

Diante da importância da leitura para o indivíduo e para a sociedade, faz-se necessária a abordagem de várias questões que a ela se relacionam: a sua função social, o prazer de ler, a importância do contato com os livros, além da problematização da leitura na escola e suas múltiplas variáveis, que vão desde as metodologias de ensino e escolha dos livros didáticos à formação dos professores.

Discernindo sobre isso, Geraldi (2003) aponta que a leitura é um processo de interlocução entre leitor e autor sob mediação do texto, defendendo a necessidade de se recuperar nos indivíduos o prazer pela atividade leitora.

É muito importante que a sensibilidade estética seja trabalhada sob a responsabilidade do professor, sendo que a seleção dos textos e as atividades de leitura são fundamentais nesse processo. O gosto pela leitura pode se desenvolver por contágio quando o professor lê para seus alunos na aula, fala de livros e dá oportunidade aos leitores de apresentarem seus textos aos colegas.

De acordo com os PCN o trabalho da leitura é visto como:

[...] uma finalidade para a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever (BRASIL, 1998, p. 41).

Por esse ângulo, enfatiza-se a leitura como uma prática enraizada do saber, uma vez que os processos que se desenvolvem no espaço micro político da escola e da sala de aula poderão contribuir efetivamente para a prática da leitura na medida em que praticamos a linguagem como instrumento de interação e argumentação (BAKHTIN, 2003).

Assim, prezamos por levar em conta os aspectos sócio-históricos que devem estar presentes quando pensamos na linguagem como forma de interação social.

Portanto, “o acesso à prática social da leitura deve dar ao aluno a possibilidade de recriar para si mesmo, criticamente, os significados que a escola enfatiza”. (MOITA-LOPES, 1994, p. 358).

Nesse sentido, é necessário que o professor oriente o aluno para compreender o papel estético da literatura, bem como sua função social de ler o mundo, tornando-se críticos, intensos e preparados para entender o contexto contemporâneo.

O texto literário é plural, marcado por diversos registros temáticos, ideológicos, linguísticos, estilísticos e outras marcas que faz compreender a realidade a partir de motivações históricas, sociais, políticas, filosóficas e psicológicas. O texto deve ser tratado como instrumento de reflexão capaz de revelar conflitos da realidade.

É preciso, portanto, oferecer os “textos do mundo” ao aluno (FREIRE, 1996), pois não se formam bons leitores solicitando que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede (BRASIL, 1998, p. 42).

É necessário estarmos atentos a atualização de ensino e aprendizagem, procurando levar a instrução de qualidade para os alunos e inseri-los na prática formativa e reflexiva a qual este está inserido, e isso acontecerá por meio de boas práticas de ensino.

Nesse contexto, a linguagem cumpre uma função política determinante para a prática pedagógica, contribuindo de maneira específica para a ampliação dos horizontes educacionais da escola. A proposta curricular pedagógica é um construto histórico que reflete nas transformações sociais, com vista às finalidades do pensamento crítico-reflexivo.

A partir dessa ação, é pertinente dizer que a gestão pedagógica escolar deve assegurar o ensino e a aprendizagem, viabilizando a educação como um direito de todos, conforme determina a Constituição e Lei de Diretrizes e Bases da Educação (VIEIRA, 2009, p. 26), cujas obrigações de planejar, orientar e avaliar tende a se tornar significativas.

Por meio dessa relação entre linguagem e gestão pedagógica, implica-nos estabelecer uma habilidade orientada voltada não somente para o componente de Língua Portuguesa, mas para todos os componentes curriculares, como pressuposto para a construção de uma realidade contextualizada e compartilhada, mediante atuação dos professores e gestão pedagógica, evitando o desalinhamento acerca do ensino-aprendizagem.

Esta escolha requer refletir em tomadas de decisões pensadas, se considerarmos em especial, a forma dialógica produzida por meio de suas interações e intenções, abrindo possibilidades para a

ampliação de oportunidades e participação em diferentes contextos no qual o professor e o aluno se inserem.

Considerações Finais

Neste estudo, tratamos da leitura enquanto processo norte interativo em sala de aula para a formação do sujeito crítico e social, e que o professor saiba quais mecanismos usar na aula para instigar o aluno à reflexão do objeto estudado. Como já foi exposto, o professor em exercício deve cooperar para a construção de uma melhor educação através dos seus apontamentos baseados em suas experiências.

Compreendemos que o ensino de leitura é um processo contínuo em que a maior apreensão se dá por meio das trocas de experiências, das relações sociocomunicativas que estimulem o conhecimento de mundo dos sujeitos envolvidos.

Diante disso, o trabalho com a leitura em sala de aula é um processo que acontece por meio da mediação do professor, como vimos o aluno sendo ele um leitor, deve ser ativo, indo de encontro ao texto, somando conhecimentos de leitor e escritor.

A partir disso, temos o livro didático que deve ser considerado como um suporte para o professor em sala de aula, deixando de ser usado como única fonte do conhecimento, o que tende a favorecer em parte para a apreensão fragmentada de textos.

A leitura é vista como uma ação promovida entre interlocutores (leitor e autor) sob mediação do texto, destacando a necessidade de se recuperar nos indivíduos o prazer pela atividade leitora no ambiente escolar.

Como já sabemos, um dos grandes desafios da escola está em garantir um padrão de qualidade técnica e política para todos e que não respeitem apenas a diversidade local, social e cultural, mas que entendam o aluno como um sujeito concreto, real, histórico, social e ético do processo educativo, assim, o professor considerando esses aspectos será um agente promissor do conhecimento letrado.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 5^a. a 8^a. Série**. Brasília: SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> Acesso em: 27 fev. 2020.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUZA, A. F., OHUSCHI, M.C.G. Concepções de Linguagem e o Ensino da Escrita em Língua Materna. In: CARVALHO, A.C., LUDWIG, C.R; ROCHA, S.C.A.R.(Orgs). **Linguagem, ensino e formação de professores**. North Charleston: Amazon Digital Serviços. 2014, p 5-24.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

MENEGASSI, J. R. **Leitura e ensino**. Maringá: Eduem, 2010.

MENEGASSI, J. R; ANGELO, C. M. P. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, R. J.(org.). **Leitura e ensino – Formação de Professores EAD**, 19 ed. Maringá: EDUEM, 2005

MOITA LOPES, L. P. Linguagem, interação e formação do professor. Brasília: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 75, n. 179, p. 301- 371, 1994.

SERCUNDES, M. M. I. Ensinando a escrever. In: (Orgs.). GERALDI, J. W.; CITELLI, G. **Aprender e ensinar com textos de alunos**. v. 1. São Paulo: Cortez, p. 75-97. 1997.

SILVA, E. F.; JESUS, W. G. Como e porque trabalhar com a poesia na sala de aula. **Revista Graduando**, v. 1, n 2, p. 21-34, 2013.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TARDIF, M. **Saberes docentes, formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VIEIRA, S. L. **Educação básica: política e gestão da escola**. Brasília: Liber Livro. 2009.

ZANINI, M. **Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna**. Paraná: Acta Scientiarum, 1999.